

NÚMERO AVULSO 50 CENTAVOS

Série de 12 números, pagamento
adiantado, 6\$00

Publicidade a preços convencionais

Editor — Eduardo Lopes

Tiragem: 10.000 exemplares

DIRECTOR

HENRIQUE GALVÃO

CORPO REDACTORIAL

HUGO ROCHA**J. MIMOSO MOREIRA****MÁRIO DE FIGUEIREDO**

Redacção e Administração:

PALÁCIO DAS COLÓNIAS

(Palácio de Cristal)

▼ (TELEFONE 89) ▼

Composto e impresso na «Imprensa
Portuguesa», Rua Formosa — Porto

ULTRAMAR

ORGAO OFICIAL DA EXPOSIÇÃO COLONIAL

A. R. A. C. I. N. T. O.

Salazar na Exposição



O sr. dr. Oliveira Salazar, Presidente do Ministério, com o sr. tenente Henrique Galvão, Director-técnico da Exposição, lendo "uma carta para Garcia,"

(Cliché Saúl de Almeida)

INTERESSES COLONIAIS

Linha férrea de Suazilândia

O jornal sul-africano *South Africa* informa que vai ser construída, em breve, a linha férrea da Suazilândia, continuação da que Portugal fez construir, há muito, de Lourenço Marques à fronteira.

Culturas agrícolas em Angola

O governo de Angola, está promovendo o desenvolvimento agrícola da Colónia e propôs que as culturas de tabaco, oleaginosas e outras sejam dirigidas por técnicos especialistas.

Orçamento de Moçambique

O sr. ministro das Colónias terminou, já, a revisão do orçamento geral da Colónia de Moçambique que, apesar de ter sido aumentado em muitas verbas destinadas a obras de fomento, assistência aos indígenas e outros trabalhos e melhoramentos, ficou equilibrado, sendo as receitas previstas em 295.620:32537 e as despesas em igual quantia.

A Semana das Colónias

Já está fixado o dia 19 do corrente para a abertura da Semana das Colónias, na Sala Portugal, da Sociedade de Geografia.

Nessa sessão, dedicada à mocidade das escolas, tomará parte grande número de institutos oficiais, e particulares do ensino secundário, além da Escola Superior Colonial, etc.

O programa será constituído de molde a despertar o maior interesse, na mocidade portuguesa, pela obra de ressurgimento da ideia colonial que a Sociedade de Geografia vem, há muito, realizando com notável resultado.

Protecção aos indígenas

A comissão de protecção aos indígenas dos nossos domínios, organizada pela Sociedade de Geografia, enviou, já, ao sr. Ministério das Colónias, as informações acerca do trabalho dos naturais das nossas províncias ultramarinas, que, como dissemos, vão ser presentes à Sociedade das Nações.

O consumo de cerveja em Angola

Durante os últimos três trimestres de 1933 foram importados, em Angola, 285:178 litros de cerveja da metrópole e 6:567 litros de cerveja estrangeira. Ainda, no quarto trimestre, foram importados 1:440 litros daquela bebida, fabrico nacional.

Caminho de ferro de S. Tomé

No Ministério das Colónias foi recebida a comunicação de haver voltado a funcionar o caminho de ferro da ilha de S. Tomé, cujos serviços estavam paralisados, há anos, sendo aquele facto muito festejado.

GUINÉ

O governo da Guiné comunicou ter aumentado consideravelmente o comércio entre esta colónia e a de S. Tomé, contando-se por centenas de toneladas a permuta de produtos entre as duas referidas colónias.

NO "ULTRAMAR,"

Recebemos a visita do Sr. Dr. António Barradas, distinto redactor-correspondente em Portugal e França do *Notícias*, importante diário de Lourenço Marques que vai já no seu 8.º ano de existência, que em nome do seu jornal veio apresentar a ULTRAMAR e a Direcção da Exposição Colonial os cumprimentos daquele colega moçambicano.

O Sr. Dr. António Barradas, que só acessorariamente exerce a sua actividade jornalística, é há cerca de catorze anos professor efectivo de Geografia e História e médico escolar do Liceu de Lourenço Marques.

Foi também, de 1926 a 1928 o Director de Estatística da Colónia de Moçambique e a ele se deve a organização daqueles serviços, que são considerados os melhores de todas as Colónias portuguesas, e bem assim a realização do Censo da população da cidade de Lourenço Marques e do da população não indígena de toda a Colónia.

Gratos pela deferência.

As viagens de naturalistas e a expansão colonial portuguesa

No âmbito das descobertas marítimas e terrestres pequeno lugar se tem adstrito aos trabalhos dos viajantes portugueses, que muitas vezes teem ficado no esquecimento ou na penumbra de vaga lembrança, quando afinal bastante se deve a estes pioneiros da civilização, em várias partes do Mundo e em todas as épocas do descobrimento. Quando Speke, Grant, Livingstone e outros estrangeiros percorreram certos pontos do Continente africano e esse feito audacioso passou à História, com detrimento das façanhas de portugueses que os precederam em muito, os nossos heróicos viajantes haviam já por toda a parte deixado vestígios da sua passagem e assinalando em suas narrativas e relatórios factos de observação notável e preciosa que, mais tarde, deveriam ter lugar na Ciência, embora com o nome alheio.

E' tempo e a-propósito de repor as coisas e as pessoas na posição que lhes compete, em face da História, a-fim-de que se saiba quanto os observadores nacionais, desde séculos, contribuíram para a aquisição e desenvolvimento dos conhecimentos coloniais, que completam e utilizam o esforço de ocupação e de colonização, que tanto se discute e que tarda em se atribuir aos portugueses.

Desde o século XVI, em que o Renascimento se afirmou em Portugal e fora dele, que os sábios deste país, e numerosos foras, se desentranham em seus relatos nas mais curiosas observações de coisas vistas em viagens arriscadas e longinquas. Isto enquanto a Ciência se conservava em estado relativamente atrasado e, portanto, mais admirável se torna o conhecimento inédito de objectos e fenómenos, que deveriam, séculos mais tarde, preocupar os espiritos e dar novo incremento às actividades comerciais, industriais e outras dos que se abalançaram com denodo aos intensos trabalhos de colonização. A verificação de grande quantidade de tais conhecimentos, devidos à perspicácia de viajantes da nossa nacionalidade, põe justamente em relevo a contribuição valiosa dada pelos nossos expedicionários, guerreiros ou pacíficos, para essa obra imensa de civilização e de desenvolvimento. Não se deve esquecer ou pôr de lado a obra extensa e demorada, ainda que envolta em propozitizada modestia, dos nossos perituzas missionários, os quais nos sertões africanos, nos dilatados confins da Ásia, na América, sobretudo no Brasil, tanto contribuíram, por arriscadas excursões, em sertanejas paragens para a notificação das maravilhas e riquezas encontradas a cada passo nas vastas extensões coloniais. Assim como foram eles os primeiros, em remotas regiões, que deram a notícia e o alarme acerca de certas moléstias e pragas afilivas e perigosas para a humanidade. Tanto na África, como na Ásia e principalmente nas terras de Santa Cruz, foram portugueses os que primeiro, com discernimento e finura de vista, reconheceram e fizeram a descrição minuciosa de plantas, animais e gen-

tió, assim como das qualidades e virtudes ou malefícios duns e costumes do outro.

Formariam capitulos vastos os relatos por extenso dos viajantes e missionários que encaminharam seus passos arrojados por ignotas terras, ameaçadoras de perigos e sob fadigas incomensuradas.

Foi assim que Gomes Enes de Azurara nos descreveu, em 1448, o Imbondeiro (*Adansonia baobab*), a famosa Malvacea que o botânico Adanson deu a conhecer 300 anos depois, segundo referiu o Prof. Carlos França, em a notabilíssima Conferência proferida na Universidade de Coimbra, em 1925.

O *Orycteropus* ou *Porco do Cabo*, foi descrito, segundo o mesmo autor, por Frei João dos Santos, assim como outros animais exóticos. António Galvão, sábio missionário das Molucas, fez primeiro referência a *Coca*, cujos principais feitos anotou. Este mesmo padre e depois, outro padre naturalista, José de Anchieta, em longa estada nas terras do Brasil, denunciaram no século XVI a singular disposição da Sarigueia, com a sua bolsa ou marsupia, interpretando a função desta nitidamente, um século mais tarde deturpada na observação de Pisão e Marcgraff, que supuseram ser esse órgão o próprio útero do animal.

O conhecimento e o uso de numerosas plantas úteis foi imposto, nesse opulento ciclo de descobertas, pelos naturalistas e expedicionários portugueses, os quais, primeiro que ninguém, indicaram o uso delas, tais como a Copahiba, o Cajuero, o Ananaz e a Batata doce, o Jaborandi e a Ipeca. Ao P. Loureiro se atribui com razão a descoberta da usitatíssima gramínea que é o Arroz, bem como o célebre físico-mór Garcia d'Orta, que foi de Portugal à Índia e lá exerceu a Medicina e estudou a História Natural de tantas Drogas e Simples, deu conta da actividade medicamentosa de muitas plantas indianas e do emprêgo terapêutico singular da chamada — *pedra de cobra* — contra as mordeduras de Serpentes e as picadas do Lacrau.

Foi ainda consequência das viagens dos portugueses a introdução da Laranja da China na Península e do mesmo modo a de muitas espécies exóticas de animais, ao depois largamente utilizados, bem como as plantas e as madeiras, as especiarias, às quais a arte, a indústria e o mercado deram valor incalculável. No capitulo das doenças estranhas, muito fizeram também os viajantes nacionais, cujo saber, quanto às formas nosológicas dos países quentes, muito influíu para o estudo e profilaxia delas. O escurbutio, ainda hoje de litigiosa etiologia, foi descrito pelo célebre cronista João de Barros; a *Filária* medinense, a praga da *Pulga penetrante*, erradamente atribuída na sua caracterização a Guilherme Pisão, colaborador de Mangraff; as *Miyases* e o *Ofidismo*, no seu conhecimento elementar, foram observadas primeiramente pelos viajantes peninsulares, pelos portugueses em particular, que delas deixaram descrições clarísimas. Foi

entre todas notável a *Viagem Filosófica* do Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, ao Norte do Brasil, no final do agitado século XVII, e quantas descobertas se lhe devem no campo da ciência e propriamente no sentido da colonização, pelo demorado contacto com a Natureza e com as tribus indígenas da Amazônia! Pelo mesmo tempo, empreendeu Silva Feijó a viagem ao Arquipélago de Cabo Verde, enquanto Galvão da Silva se dirigia a Moçambique e pena é que destes colonialistas primazes se perdessem parte das colecções e dos relatos, de certo interessantes e elucidativos sobre os achados por eles feitos, em terras tam distantes e variadas. No século XIX, não menos interessantes explorações praticaram os portugueses nas possessões de Além-Mar e, desse novo ciclo de esforçada conquista científica ficaram-nos, para estímulo e glória, as relações explícitas das extensíssimas digressões de Serpa Pinto, Capêlo e Ivens, Cordon, Silva Porto, José Anchieta, Francisco Newton, aqueles através da África Central, este na Guiné, nas Ilhas de S. Tomé, Príncipe e Ano Bom, no Dohomé, em Cabo Verde, em Timor e as dos estrangeiros De Greeff, Welwitsch e Adolfo Moller, Hartlaub, Peters e Holub. Todos concorreram por largo e sustentado esforço para ampliar a Ciência colonial, a história da produção nas Colónias, da sua flora e da sua variada fauna.

Não é fácil tarefa descrever o que foi esta bem determinada e audaciosa tarefa dos nossos, alguns dos quais, muitos até, caíram no olvido, e a sua obra, feita de temeridade e de espírito de aventura, de amor pátrio e de abnegação, restou truncada, dispersa, esquecida, mal averiguada, mas em todo o caso valiosa e imensa, digna de ser exposta como exemplo e elemento de estudo produtivo e inteligente.

J. BETTENCOURT FERREIRA,
da Faculdade de Ciências do Porto.

NA conferência que o distinto delegado técnico da Municipalidade do Rio de Janeiro o redactor de *A Noite*, sr. José Simões Coelho, realizou, em 10 do corrente, no Ateneu Comercial do Porto, foi abordado, pelo conferente, o alto significado nacional da I Exposição Colonial Portuguesa.

E, a-propósito da Sociedade Lusó-Africana do Rio de Janeiro, a que ULTRAMAR tem dedicado já, justas referências de louvor, o conferente disse também:

«Uma das instituições moderníssimas, que se impõe logo pelos seus intuitos e que obedece ao principio altamente patriótico de propagar as nossas possessões ultramarinas, é a Sociedade Lusó-Africana do Rio de Janeiro, sendo para registar o facto interessante e sintomático de ser composta de gente da metrópole. Tem prestado reais serviços ao Império Colonial Português, publicando um Boletim que é um primor, tanto no escripto como que escolhe a matéria literária, como no cuidado estético com que se apresenta.»

ULTRAMAR é largamente distribuído pelas Colónias, consulados e casas de Portugal no estrangeiro, centros de turismo, estabelecimentos de cultura e ensino oficiais e particulares, associações comerciais, agremiações, organismos coloniais, etc.

La apertura de la
Exposición Colonial, en Porto,

se realiza en el 16 de Junio

La espléndida Exposición Colonial de Oporto está despertando, como es lógico, una inmensa curiosidad, en toda España, principalmente en Galicia y en las provincias de Zamora y Vascongada donde vendrá una frecuencia de excursiones que llenarán, durante muchos días, el amplio recinto del Palacio de Cristal, respondiendo así a la invitación que ULTRAMAR, ha hecho a nuestros hermanos, para visitaren aquel grandioso certamen.

Es que la brillante dirección de Don Enrique Galvão, ilustre oficial del Ejército Portugués, no obstante las dificultades que ha tenido siempre que vencer, por las furiosas campañas realizadas contra sus esfuerzos, guiando e impulsando con suma inteligencia y voluntad esa maravillosa demostración del valor de la raza portuguesa, es una garantía de que algo de colosal se presentará a los ojos de extranjeros y nacionales.

La luz de la Historia, reflectando, en ese cuadro brillante, el estado actual del Portugal colonial y el avance de la Metrópoli, con los productos de una actividad incomparable en la industria y en la agricultura, hará aparecer, desde luego, al primer relance, el progreso de la vida portuguesa en este último cuartel de su existencia.

Cuadro magnífico, imagen deslumbradora del progreso civilizador de Portugal en sus alejadas provincias ultramarinas en un siglo de apresurada marcha, se patentará al mundo para demostrar el grado de la civilización portuguesa, que avanzadas nacionalidades solo han atinado, merced de muchos millones de oro desparromados para obtener lo que no pueden hacer por medio de la penetración pacífica, convenciendo los indígenas.

La Exposición Colonial de Oporto dará la idea viva, animada, sensible e inteligible del desarrollo de las provincias portuguesas del ultramar. Así veremos allí las maderas de construcción, el palo *sangre*, el alcacuz, el cedro, la scopupia, el gagó, el ébano, el palo *ferro*, el palo rosa; las palmeras, los vegetales oleaginosos, fibrosos, alimenticios e industriales, entre ellos los mas importantes: el algodón, el cacao, el café, el té, la caña de azúcar, la canela, el oleo palmiste, el mais, el tabaco, el caucho, el anil, la mandioca, el ñiño, el cañamo, la urrela, la nuece moscada, la cera, etc. Bajo el punto de vista cultural, las misiones, su apostolado, sus escuelas profesionales para los indígenas, los progresos de la instrucción, en sus escuelas de primera y segunda enseñanza. La fauna se hará representar, con el león, el tigre y otros animales. La flora con cambiantes de maravilla. La vida intensa de los indígenas, con sus *cabatas*, *aldeas*, el trabajo personal a la vista, los elementos de la pesca y caza, sus telares, enfin, la vida vivida alende el mar, será patente en el certamen, alegrado por las danzas, los batuques, y cantos guerreros que dan la idea de las provincias allí representadas.

Grandiosas fiestas están previstas para toda época de la Exposición. Los campamentos de los escoters, la lucida y numerosísima — 7 a 8 mil personas — hueste de campesinos,

“Razas Coloniales e Mestiços”

Foi este o tema que o ilustre Prof. e Director da Faculdade de Ciências sr. dr. Mendes Correia desenvolveu, em brilhante conferéncia, na noite de 12 do corrente, perante selecta assistência, no salão nobre do Ateneu Commercial.

«Razas Coloniales e Mestiços» foi a primeira conferéncia da série de propagação colonial da iniciativa da Câmara Municipal, levada a effeito por motivo da Exposição.

Damos, a seguir, aos nossos leitores e a todos os que se interessam pelos assuntos coloniales um resumo do que foi essa notável conferéncia do ilustre homem de ciência dr. Mendes Correia.

Estando em via de próxima realização uma Exposição Colonial no Pórtio e devendo affluir a esta representantes das diversas populações das nossas colónias, é oportuna uma explanação sobre o que se tem feito em Portugal para o conhecimento dessas populações. Este conhecimento está na base de todo o plano racional de valorização das colónias. Assim, ás ciências do homem, a Antropologia, cabe um papel primacial na nossa obra colonizadora.

O que se fez no passado relativamente ao conhecimento das raças indígenas dos países que os Portuguezes iam descobrindo, é prodigioso. Os Portuguezes revelaram a existência de muitas raças até então desconhecidas e descreveram alguns dos seus caracteres físicos e ethnográficos.

O conferente menciona importantes e curiosos depoimentos das nossas crónicas e roteiros sobre os Guanches, população hoje extinta, das ilhas Canárias, sobre os negros da Africa Occidental, sobre os bochimanes-hotentotes da Africa do Sul, sobre os Cafres e outros povos da Africa Oriental, sobre os Abexins, sobre populações da India, Ceilão, Malaca, Australasia e Extremo-Oriente.

Detem-se sobretudo nas primeiras descrições dos Bochimanes-Hotentotes no Roteiro de Vasco da Gama, em Duarte Pacheco Pereira, Duarte Barbosa, Damião de Gois e outros autores, citando a larga referência que também Camões fez nos *Lusiadas* a essas populações selvagens, que Duarte Pacheco dizia «gente bestial», «ma gente», e que Damião Gois descrevia: «baços de cabelo revolto, pequenos de corpo, feos, quando falam parecem que soluçam (realmente falam com estalinhos na lingua) e andam vestidos de peles». Estes povos, ainda existentes na Africa do Sul com os nomes de Bochimanes, Hotentotes, Koranna e Strandlooper, estão também ainda representados por alguns restos, errantes e miseráveis, na nossa Angola, os Camusseques, Bacuissu, Bactuando, Bacancala, Bacaroca, etc.

Os nossos antigos autores falam também de grandes migrações africanas como as dos Jagas na Africa Occidental e dos antiofópagos Zimbos na Africa Oriental, e referem-se largamente ás minas de ouro e ruínas de Zimbabué e do antigo reino do Monomotapa, na actual Rodésia e regiões de Manica, Sofala e Zambézia. Como pôde ainda há pouco um autor inglés, Kenyon, escrever que o Zimbabué foi descoberto em 1868 por Adam Renders? Isso depois daquelas descrições e de ter sido ali martirizado no século XVI o jesuita português Gonçalo da Silveira!

Fr. João dos Santos na *Etiópia Occidental* fala dos cafres «alvos loiros como flamengos», embora filhos de pretos «retintos como pezo». São casos de albinismo que ainda hoje por lá aparecem.

pescadores, operarios, com sus trajes regionales, las excursiones de las Sociedades de Recreo Portuguesas al recinto de la Exposición las Sociedades Corales y un sin número de atractivos que estan preparados y puestas en curso, todo eso hará con que la Exposición de Oporto, sea el punto obligado de reunión de todos cuantos se interesan por el progreso civilizador de las naciones, conviniendo y permaneciendo en el local en donde los ojos se delician y el alma se satisfaga.

La Exposición de Oporto tiene ideales que merecen la simpatía mundial. Pruebase la grandesa de la obra civilizadora de los portugueses, el avance de la industria nacional, la

Sobre os indios do Brasil, além dos testemunhos, sobre a descoberta de Alvares Cabral, legados pelo piloto anônimo, por Damião Gois e pelo português Pero Vaz de Caminha, que nos revelam uma população vivendo ainda na idade da pedra; há os trabalhos notáveis de José Anchieta, Magalhães Gandavo, Fernão Cardim, Gabriel Soares de Sousa, etc., cujo interesse ethnográfico o malogrado investigador Carlos França pôs em justa evidência.

Pode bem dizer-se, com Carlos França, que os portugueses de Quinhentos eram um povo de heróis, dirigido por uma pleiade de sábios.

Passa o conferente ás investigações dos últimos séculos, citando muitos autores, alguns dos quais eminentes. Há, porém, por vezes, com uma certa e interessante exuberância de informes ethnográficos, uma sensível falta de cultura e de método no campo propriamente anthropológico. Um autor ilustre escreve, por exemplo, que os Quilocos de Angola tem a cabeça redonda, quando, como os Negros africanos em geral, a possuem alongada. Outras vezes os autores não integram certos factos em leis gerais estabelecidas ou não os compararam com os de outras regiões. Assim, numa tribú da região de Cabinda descreveu um costume que é ainal peculiar a outros povos do glóbo e é conhecido cientificamente com o nome do *tabú da sogra*: ao genero e à sogra não é licito falarem, vindo-se um ao outro; um muro, uma vedação, os tem de ocultar. Também o uso das máscaras nalguns povos da nossa Africa (*muixiques*) é descrito como se se tratasse de meros passatempos ou pura fantasia, quando ainal esse uso se relaciona com costumes totemicos ou com associações secretas.

No domínio da Antropologia física colonial, devem citar-se, além de 5 ou 6 estudos de Aurelio da Costa Ferreira, Barros e Cunha e Germano Corrêa, os dos investigadores portugueses, sobretudo nos Institutos de Antropologia e Anatomia da nossa Universidade, os quais se reterem à Guiné, Angola, Moçambique, India e Timor e que são já cerca de 20. O Instituto de Antropologia está trabalhando num inquérito sumário e preliminar junto dos colonias sobre o valor social das raças e dos mestiços, e os dois institutos universitários portugueses vão estudar anthropologicamente os indígenas que veem à Exposição, a exemplo do que fizeram Deniker & Laloy sobre as raças exóticas representadas na Exposição de Paris de 1900. Um Congresso de Antropologia Colonial se effectuará no Pórtio em principios de Outubro próximo.

O conferente mostra a grande diversidade de raças nas nossas colónias e ainda as *nuanças* variadas dentro de cada grande raça. Enimera as principais raças africanas, evidenciando o erro profundo dos que supõem que a Africa é apenas povoada de Negros, todos da mesma raça.

Em Africa há brancos europoides (como os libio-berberes do Norte), os etiopes (como os Somalis, Galas e Abissínios), os fulas — populações de caracteres nigrillos modernos, alguns certa beza —, os negros do tipo clássico (os quais misturados com os fulas em diversas dosagens, entram na composição de muitas populações africanas, como os bantus), os nigrillos pigmeus do Congo, os bochimanes-hotentotes. Além disso apparecem, em certas regiões, representantes de árabes, judeus, indios, chineses, mal-íos, etc.

A Africa não é, pois, apenas povoada

labor fecunda de los gobernadores coloniales, la lucha del trabajo, por parte de hombres de dinero que en vez de se entregaren al goce, se dedican a fomentar las riquezas nacionales. Eso se presentará a los ojos de los visitantes de la Exposición amplia y claramente manifestado.

Por todo eso la Exposición Colonial marcará una pagina de oro en la Historia de la civilización.

Que Portugal salga de este certame cubierto de la más alta gloria, y que su Imperio se mantenga integro por muchos y dilatados años son los más efusivos votos de

J. CERVAENS Y RODRIGUEZ.

por negros, nem todos os negros são do mesmo tipo físico.

Alude também o conferente ás psicologias diversas dessas populações, ao seu diverso valor social. Houve já na Africa grandes impérios negros que desapareceram. A par de populações de mentalidade e aptidões apreciáveis, se encontram naquella continente outras que estão nos últimos degraus da civilização e da intelligência como os bochimanes-hotentotes.

Uma politica de igualdade e de assimilação é, pois, biologicamente utópica, as suas tentativas politicamente imprudentes. Uma politica de solidariedade e de compreensão, essa é aconselhável. Que o indígena seja tratado humanamente, affectuosamente, e educado de modo a estabelecer-se uma cooperação de esforços materiais e morais, a interessá-lo nos destinos comuns!

As missões religiosas tem, com a sua acção educativa, um papel de primeira ordem. Um preceito pedagogico elemental é, porém, o de que, para educar devidamente é preciso conhecer bem o educado. Ora as missões dão uma contribuição valiosa aos estudos anthropológicos. E' de desejar que ela se intensifique ainda mais.

Quanto aos mestiços, o seu estudo não diz respeito apenas a Cabo Verde com os seus creoulos, nem ás colónias do Oriente com a sua rede complexa de cruzamentos ethnicos. Interessa a todas as nossas colónias, para onde o português da metrópoli emigra, não se fazendo geralmente acompanhar da mulher europea.

A mestiçagem é defendida por uns, combatida por outros. As observações scientificas rigorosas são poucas. Podem citar-se as de Fischer sobre os mestiços de boers e hotentotes, as de vários autores sobre os mestiços da ilha Pitcairn, as de Davenport na Jamaica, o inquérito da Escola de Antropologia de Paris, e poucas mais.

Os resultados são contradictórios. Biologicamente, ao passo que se verificou na mestiçagem desequilíbrio e diminuição de prolificidade, outros averiguam estabilidade e fecundidade e encaerem as condições dos mestiços para aclimação em certas regiões. Socialmente, as condições dos mestiços são em geral desfavoráveis, em consequência da frequente filiação ilegítima, da educação defeitosa, das prevenções sociais, das suas proprias reacções contra estas. Hippólito Raposo, salienta que o mulato não iguala o pai e renega da mãe, é «ilusio sempre morta do que nunca ha-de ser», deseto do impossível, «um ser imprevisito no plano do mundo, uma experiência infeliz». Mas há, individualmente, mestiços de qualidades superiores. Grandes homens tem existido que não são de raça pura.

Desde que a ciência admite mestiçagens úteis e mestiçagens nocivas, desde que a moderna genética estabelece que o mestiço não é necessariamente uma média, mas que há uma verdadeira loteria nas infinitas combinações possíveis dos elementos germinais, desde que se não podem prever com segurança as combinações favoráveis e as desfavoráveis, os poderes públicos devem primeiramente, não contrariar a mestiçagem, mas melhorar, depurar, o conditionalismo social dos mestiços, igualá-los ás raças originárias e biologicamente impossivel mas não devem hostilizar-se, devem proteger-se para que sejam — os que puderam sê-lo — elementos úteis da nação.

Os estrangeiros tem dito algumas verdades e muitas mentiras contra a obra colonial dos Portuguezes. Por maior que seja a porção de verdade nesses ataques, ainda fica muita verdade para exaltação daquela obra.

Ao evocar a nossa epopeia descobridora, em que batemos aos quatro cantos do Universo, com os Côrtes Reais a noroeste, Fernão de Magalhães a sudoeste, Bartolomeu Dias a sudeste e o capitão Algueiro, da praça do Pórtio a nordeste, ao evocar os sacrificios heróicos, o talento, o saber, os esforços gigantescos desenvolvidos por Portuguezes em favor das ciências da Terra e do Homem, ao evocar as palavras de Léon Cahum dizendo que, se Stanley e Speke tivessem lido o relato das explorações de Duarte Lopes no interior da Africa no século XVI, se não teriam vangloriado das suas pretensas descobertas, ao evocar, nesta cidade e nesta casa tão portuense, as figuras gloriosas do sábio Infante D. Henrique (de quem o veneziano Cadamosto dizia que «podia ser geralmente louvado pelos seus estudos na ciência do curso do Céu e da Astrologia») e do corajoso sertanejo Silva Pórtio, ao evocar toda a tradição lusa de heroísmo, saber e glória, qual o português que não sente confiança no futuro e orgulho de ser português?

ULTRAMAR

vende-se em Lisboa na
TABACARIA MONACO

Os colaboradores da Exposição



ULTRAMAR regista com desvanecimento no número dos colaboradores da Exposição Colonial a ilustre actriz Amelia Rey Colaço.

Sensibilidade criadora, habituada a exteriorizar todas as almas modernas, complicadas e batidas da vertigem do seculo, feixe de nervos atingindo os mais altos proximos da comedia humana, Amelia Rey Colaço, estatuaria da cena, é uma das mais notáveis artistas do teatro português assinalada pelas suas fulgurantes interpretações de belesa, de vibração sentida e de comunicativa emoção.

A grande artista, inteligência viva e espirito desempoeirado, vem prestar o seu valioso concurso ao teatro da Exposição Colonial.

ULTRAMAR presta, por esse motivo, homenagem a Amelia Rey Colaço que com a sua gentil figura, estuante de mocidade e impecável de distincção, e os primeiros da sua arte, evidenciada requintadamente em várias modalidades, vai realçar a peça «Viagem maravilhosa» que na moldura colonial do certame fará vibrar os temperamentos mais sensíveis.

Liceus Coloniais

O provimento dos lugares de professores efectivos

Informa o *Diário do Governo* que foram abertos concursos, perante a Direcção Geral do Ensino Secundário, para os lugares de professores efectivos dos Liceus de Luanda e Lourenço Marques.

Afirma-se no *Diário do Governo* que os requerimentos devem ser instruídos com os documentos a que se referem o artigo 272.º do Decreto 7:558, de 18 de Junho de 1921, isto é podem concorrer os professores efectivos.

Mas posteriormente a este decreto invocado há o Decreto-lei n.º 22:851, do *Diário do Governo* de 19 de Julho de 1933, que regula o provimento dos professores efectivos nos liceus coloniais e não é citado no *Diário do Governo* que abriu os concursos para os Liceus de Luanda e Lourenço Marques.

Haverá, portanto, diversidade de critérios entre a Direcção Geral do Ensino Secundário e o Ministério das Colónias?

V. G.

ESTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

A nossa India

Quando, em 1904, regresssei da India, onde permanecera ininterruptamente nove anos e um dia, muitas das pessoas minhas conhecidas que me encontravam, depois

Fomos, em verdade, um notável povo de navegadores, gente amante das aventuras e do imprevisito; temos bem vincada no Brasil, em Angola e na Zambézia a nossa aptidão de

A
I Exposição Colonial Portuguesa

de 15 de Junho a 30 de Setembro de 1934 nos
edifícios e jardins do Palácio de Cristal do Porto

A MAIOR MANIFESTAÇÃO DE PROPAGANDA COLONIAL
EFFECTUADA EM PORTUGAL

Documentário da notável obra de colonização dos portugueses nos últimos cinqüenta anos, esclarecida, expressivamente, pela humanidade dos Missionários, pelo esforço dos Soldados e pela actividade dos Colonos.

Mostrarão animado de tudo o que se produz nas Colónias interessando à Metrópole. Demonstrações de tudo o que se fabrica na Metrópole interessando às Colónias.

Representação característica e pitoresca, com as respectivas aldeias e pavilhões, das Colónias de Cabo Verde, Guiné, São Tomé e Príncipe, Angola, Moçambique, Macau, India e Timor.

Durante o Certame realizar-se-ão paradas desportivas, agrícolas, militares, cortejo de carácter colonial, conferências, congressos, espectáculos de finalidade patriótica e outras atracções.

No recinto da Exposição funcionará um Luna Parque com as mais modernas diversões em voga nas grandes capitais. Haverá, também, teatro onde se exhibirá uma «fearie» sobre motivos coloniais e representada pelos mais ilustres artistas portugueses, com Amelia Rey Colaço à frente. Funcionará, ainda, cinema ao ar livre. O Parque das feras—animais em liberdade—constituirá uma das atracções da Exposição.

A histórica e antiga capela Carlos Alberto, instalada dentro do recinto, estará aberta ao culto e a cargo dos Missionários.

Pelo vasto recinto, que domina surpreendentes panoramas sobre o rio e a foz do Douro, estão instalados restaurantes de luxo, popular, bar, salões de festa e stands para venda de diversos artigos. Funcionará um Cabo Aéreo do exterior para o recinto da Exposição, para condução de visitantes.

Será deslumbrante a iluminação geral com numerosos projectores e por modernos sistemas. Haverá fontes, reclamos, tórris luminosas e T. S. F.

A guarda de honra é constituída por uma Companhia de Soldados Indígenas (Landins) de Moçambique com a banda de música (45 figuras) da Companhia Indígena de Angola, que no recinto effectuará concertos.

As Companhias de Caminhos de Ferro farão concessões no período da Exposição.

A Exposição Colonial fêz-se para mostrar aos Portugueses o que é e o que vale o seu Império.

de umas palavras amáveis de cumprimento, diziam-me:

—Então, sempre se resolveu a regressar dessa India maravilhosa? Viu Bombaim? Que tal é Mormugão? Gostou de Macau?...

E aí tinha eu de explicar que sim, que vira Bombaim, cidade inglesa; que Mormugão era um porto incluyente; que não vira Macau e que esta cidade, embora fôsse terra asiática, não estava situada na India; que, mesmo à vol d'oiseau, distava das nossas terras de Goa mais de quatro mil quilómetros; que, por mar, uma viagem desde Goa até Macau não pode deitar a muito menos de uns sete mil quilómetros, em números redondos...

colonizadores; mas, ao presente, antolha-se-me que, mesmo entre pessoas de uma certa cultura, não primamos pelos nossos conhecimentos geográficos, tal-qualmente uma nação de décorés muito do nosso conhecimento.

Não vem pois talvez fora de propósito uma descrição sumária do que seja a nossa India e uma indicação precisa das bandas para onde ela demora. Agora, que está prestes a ser levada a efeito a Exposição Colonial Portuguesa, mal nos ficaria ignorar que Macau não é uma cidade indiana e que Mormugão não demora nos mares da China.

Do que foi o nosso vasto império indiano apenas hoje nos restam,

formando o que se denomina *O Estado da India*, quatro territórios descontínuos, mais ou menos encravados a dentro do território britânico, e uma pequena ilha em frente de terras que britânicas são também.

Os nossos territórios indianos são: o de Goa, na costa do Malabar; o de Damão, ao norte de Bombaim, nas águas do golfo de Cambair; o de Dadrá e o da Praganã de Nagar-Avely, a sudoeste do de Damão, completamente separados deste e totalmente cercados por território anglo-indiano; o de Diu, no sul da península do Guzerate, que é constituído por uma ilha separada da terra firme por um estreito braço de mar, pela exígua faixa de terra de Gogolá, que forma uma pequena península directamente ligada aos estados de rajah de Junagar, e ainda pela pequena ilha de *Pani Cota* na enseada de Simber. Ao oriente da grande ilha fica a fortaleza de Diu, que tão célebre nome tem na história das nossas conquistas e que não pode ser olhada por nenhum português sem um grande frémito de justo orgulho e de sentida comocção. Ali se cobriram de glória muitos heróis; ali se perderam muitas vidas de portugueses; ali se hasteou firmemente, com valor e brio, o pendão das quas; ali se elevou tão alto o nome de Portugal, que ainda hoje é pronunciado com respeito, a-pesar-de tantas e tão diversas vicissitudes...

A ilha que completa as nossas terras de Goa é a ilha de Angediva, ao sul do território português e em frente do porto inglês de Karwar. Esta ilha, ou antes este ilhéu, foi durante muito tempo célebre pelos seusinhos de andarinho, que eram exportados em larga escala para a China, em vista de os filhos do Celeste Império serem extraordinariamente gulosos deste estranho pitu.

A nossa India tem aproximadamente a superfície do distrito de Leiria. Pois a-pesar-disso, constitui um custoso Governo Geral—que só se explica pela força da tradição—e até, no último lustro do passado século, teve a governá-la um vizo-rei!

Fica o território de Goa compreendido entre os paralelos 15º 48' e 14º 53' 30" de latitude norte e os meridianos 73º 40' e 74º 19' de longitude leste de Greenwich. Tem uma extensão de costa, superior a cem quilómetros, que se estende desde o forte de Tiraçol, ao norte, até à aldeia de Polem, no sul.

A respeito desta extensão de litoral só dois portos há no território de Goa dignos deste nome: o de Pangim, no rio Mandovi e o de Mormugão no vasto estuário do Zuary. E, destes dois, só o de Mormugão acolhe os navios de grande calado, que podem acostar a um amplo cais, bem abrigado por um excelente quebra-mar e razoavelmente apetrechado. O porto de Mormugão é testa de uma linha férrea de 82 quilómetros que se liga à enormeíssima rede ferro-viária da India inglesa, cuja extensão total é hoje de uns 60:000 quilómetros, em números redondos.

Todo o território de Goa é cortado por numerosos cursos de água, quasi todos navegáveis.

Os Gattes que correm ao longo da nossa fronteira oriental constituem a parte montanhosa mais importante do território goano.

O clima de Goa, sem poder ser considerado bom, está bem longe de ser mau. Há mesmo algumas

regiões das Novas Conquistas que são verdadeiros sanatórios.

Damão, que constitui um distrito, dependente do governo geral, compõe-se de três partes distintas: o território de Damão, sede do governo, com um litoral de uns 12 quilómetros de extensão, um bom porto no rio Damangangá e cercado a norte, sul e leste pelos territórios britânicos de Surrate e de Tanná; o pequeno território de Dadrá, completamente encravado dentro de território britânico e banhado ao sul pelo rio Damangangá; e o território da Praganá de Nagar-Avely, o mais vasto de todos, igualmente encravado e atravessado pelo já citado rio que vai desaguar no mar, em Damão. As matas da Praganá fornecem excelentes madeiras de diversas essências florestais, avultando entre todas as suas magníficas tecas, famosas pela sua resistência e fino grão.

Diu é também sede de um governo de distrito. É uma terra morta e triste. Quando ali estive havia 10 anos que lá não chovia. As suas magníficas cisternas, semelhantes a vastas catedrais góticas, estavam quasi secas. Diu não é hoje mais do que um respeitável e venerando padrão das nossas glórias passadas, local que deu fama imorredoura aos Silveiras, aos Mascarenhas e aos Castros.

Lisboa, 7-V-34.

ADRIANO DE SÁ.

A Exposição Colonial

O seu significado e a sua oportunidade

O espírito de iniciativa que vem fructificando admiravelmente na nossa terra, vai tornar possível, dentro em breve, na laboriosa e grande capital do Norte, uma Exposição Colonial que há de marcar, como tudo o que se faz no Pôrto, um grande acontecimento nacional.

São sempre oportunas todas as manifestações tendentes a valorizar o nosso bem patente esforço, em matéria de colonização, mas o certame do Pôrto, representará por certo, entre todas, uma das mais notáveis.

Desta forma, perante acontecimento de tão transcendente importância e de tão alto significado nacional não podem levantar-se dificuldades de ordem politica nem preconceitos de ordem pessoal. Todos os portugueses que de tal nome se julguem dignos, devem, pois, dar o seu esforço dedicado e sincero, para que a Exposição Colonial seja aquilo que tem de ser: uma demonstração de vitalidade colonizadora e um grito de poder e grandeza, que vá ecoar pela Europa, pelo Mediterrâneo e onde mais haja que fazê-lo chegar...

Vamos, pois, para a Exposição Colonial, esquecidas as lutas políticas, abatidas as bandeiras partidárias, porque, ao alto, flutua, nesta hora, o pavilhão verde-rubro da Pátria. Há que honrá-lo, dignificá-lo e dar-lhe ainda um maior prestígio, pois é mister que, onde ele surja, fique sempre perdurável a recordação de um povo forte que sabe triunfar.

MAURÍCIO DE OLIVEIRA.

Os benefícios da realização do Certame

A Exposição Colonial Portuguesa, que neste momento assunto e ansiedade dominantes no Pôrto e em todo o Norte, vai ser dentro em pouco tempo um facto, um acontecimento da máxima importância mó-

luso Moreira — espírito moderno dispo de excelsas qualidades de organizador.

Longe da rotina, a quem o movimento renovador perturba, e afastados da critica fácil e irreverente

Os colaboradores da Exposição



Manoel Caetano de Oliveira é não só um homem a quem a Exposição Colonial fica devendo a melhor e mais desinteressada das colaborações como também um valor social de primeira ordem como trabalhador e como organizador.

Quem estas linhas escreve aprendeu a considerá-lo em Africa onde a sua energia e o seu bom senso abriram ao mercado português de tecidos de algodão enormes possibilidades.

Prestando-lhe homenagem o ULTRAMAR honra-se como a Exposição se honrou com tão dedicada colaboração.

no recinto se movimentam há meses, são dezenas as actividades que fora da Exposição para ela trabalham. Mas não são só as pessoas que labutam, fazendo face, grande número delas, à crise. É de justiça destacar a importância dos materiais empregados e a utilizar, montando a muitos contos, que valoriza esta iniciativa, e que se não consumiria se este empreendimento não passasse de uma fantasia. A Exposição — devem-nos todos reconhecer com justa independência e sã clareza — veio imprimir ao movimento da cidade mais «élan».

Em virtude da realização do certame abriu-se a Rua Júlio Diniz e, as artérias vizinhas do Palácio estão a sofrer os benefícios que há muito careciam. São, portanto, melhoramentos que ficam e que se devem à Exposição.

Por determinação municipal foram todos os proprietários intimados, com dispensa das licenças da praxe, a reparar os seus prédios, a alindar as respectivas fachadas. É uma parcela importante a atenuar a crise do desemprego, que deixaria de se observar se não fosse levada a efeito a Exposição.

Mas todo este movimento febril que se acentua dia a dia, ganhará a devida intensidade logo que a Exposição tenha a sua abertura e atinja o seu funcionamento normal e regular.

Então, o comércio e, necessariamente, a indústria sentirão directamente os benefícios da realização da Exposição, com o movimento incontestável dos visitantes de fora da cidade, — pois todas as nossas informações garantem que é elevado o número de excursionistas do País, das Colónias e do Estrangeiro. Os descrentes, os desiludidos, os que são incapazes de compreender, a boa doutrina da «Carta para Garcia», não-de por certo, em face dos factos modificar a sua opinião e reconhecer que não resultou estéril todo o esforço, indiferente a todos os obstáculos, dos que transformaram num *tour de force*, uma ideia em acção e realidade convincentes.

MÁRIO DE FIGUEIREDO.

La Exposición Colonial Portuguesa

desde el 16 de Junio al 30 de septiembre de 1934 en los edificios y jardines del Palacio de Cristal de Oporto

LA MAYOR MANIFESTACIÓN DE PROPAGANDA COLONIAL EFECTUADA EN PORTUGAL

Documentario de la notable obra de colonización de los portugueses en los últimos cincuenta años, cuya obra manifiesta expresivamente la humanidad de los misioneros, el esfuerzo de los soldados y la actividad de los colonos.

Muestrario animado de todo lo que producen las Colonias e interesa á la Metrópole. Demostración de todo lo que produce la Metrópole interesando a las Colónias.

Representación característica y pintoresca, con las respectivas aldeas y pabellones, de las Colónias de Cabo Verde, Guinéa, Santo Tomás, Principe, Angola, Mozambique, Macao, India y Timor.

Durante el Certamen se realizarán paradas deportivas, agrícolas, militares, desfile de caracter colonial, conferencias, congresos, espectáculos de finalidad patriótica y otras atracciones.

En el recinto de la Exposición funcionará un Luna-Parque con las más modernas diversiones de esta índole. Habrá, también, teatro, en el cual se exhibirá una «ferie» sobre motivos coloniales, y en el que actuarán los mejores artistas portugueses con Amélia Rei Colaço á la cabeza. Funcionarán, además, cine al aire libre. El parque de las fieras, constante de animales en libertad, será una de las exóticas atracciones de la Exposición.

La histórica capilla de Carlos Alberto, instalada dentro del recinto, estará abierta al público y a cargo de misionarios.

Por el magno recinto, que domina sorprendentes panoramas sobre el rio Duero, están instalados restaurantes de lujo, y populares tavernas regionales, bares y tiendas para la venta de diversos artículos. Funcionará un cabo aéreo desde el exterior para el recinto de la Exposición, para conducción de los visitantes.

Será deslumbrante la iluminación general con numerosos proyectores de moderno sistema. Habrá fuentes y torres luminosas, reclamos y T. S. H.

La Guardia de honor será constituido por una compañía de soldados indígenas (Landins) de Mozambique, y una banda de música (45 figuras) de la compañía indígena de Angola que en el local realizará conciertos.

Las compañías de ferrocarriles harán sensibles rebajas durante el periodo de la Exposición.

La Exposición se hace para mostrar a los portugueses, y a las naciones amigas, lo que es y lo que vale su Imperio.

ral e até material em todo o País que vem compreendendo, com absoluta justiça, o objectivo patriótico, cultural e económico desta grandiosa e nobre manifestação nacional.

Vencidas dificuldades de vária ordem e inutilizando atoardas que se não explicam, o notável empreendimento, que todos os portugueses dos mais opostos recantos do país devem auxiliar e prestigiar em face do seu objectivo, lá prossegue a caminho da sua nobilíssima finalidade guiado pela mão de ferro, disciplinadora e persistente do sr. tenente Henrique Galvão — colonialista ilustre e inteligência pronta — e auxiliado por colaborações devotadas, entre as quais destacamos o sr. M-

que é apanágio de certas pessoas habituadas unicamente a demolir, são muitas as energias que no Palácio de Cristal se exteriorizam, de alma aberta e de espírito desempoeirado, no desejo de imprimir ao certame, numa sincera unidade de ideias, uma realização condigna.

A Exposição do Pôrto — terra onde tantas manifestações de civismo e de ordem económica se tem efectuado com notável êxito — tem provocado, em harmonia com a sua categoria, um palpitante interesse e um acentuado movimento na vida cidadina.

São dezenas as actividades que

Informação da quinzena

O que se faz para a Exposição

Agora, que o ritmo das obras em curso para a I Exposição Colonial Portuguesa se acelerou, o visitante que percorra o recinto vastíssimo do antigo Palácio de Cristal sofre, naturalmente, uma impressão de espanto.

Centenas de operários de todos os misteres, principalmente carpinteiros e trochas, trabalham, afanosamente, nas obras.

Tudo aquilo se movimenta, progressivamente. E que falta, apenas, um mês para que a Exposição abra ao público as suas portas. E, como o tempo urge, o trabalho é, agora, cada vez mais intenso.

Simultaneamente, o interesse do público vai crescendo.

E, para prova, ai tem os leitores de ULTRAMAR a verdadeira onde de entusiasmo que se formou à volta da chegada ao antigo Palácio de Cristal da primeira representação etnográfica da África, os indígenas da Guiné à que, noutro local, ULTRAMAR se refere.

No fervilhar das obras, que aumenta, por assim dizer, de dia para dia, sente-se, de resto, o afã de revestir a I Exposição Colonial Portuguesa do brilho que o grande certame não dispensa, para atingir o seu principal objectivo: dar aos portugueses a noção mais perfeita do secular esforço de Portugal no Ultramar.

Congresso de Colonização

Os srs. major José Ribeiro da Costa e dr. Ferreira Diniz já apresentaram à Sociedade de Geografia os trabalhos de que haviam sido incumbidos, para apresentação no Congresso de Colonização, a realizar durante a Exposição.

O do primeiro, intitula-se *Como fomentar, com êxito, a colonização branca, nas Colónias de Angola e Moçambique*, e o do último foi subordinado ao tema *Métodos para activar o desenvolvimento da população indígena e sua fixação*.

Representação etnográfica

Continuam a chegar numerosos elementos etnográficos das nossas possessões ultramarinas, destinados a figurar no certame. Espera-se, por estes dias, a maior parte das representações de Macau, Índia e Moçambique.

Guia do visitante da Exposição

Está a imprimir-se o *Guia do visitante da Exposição*, obra útil não só pelas indicações dadas ao viajante, como pelas referências no que respeita à vida, à actividade e ao turismo do Pôrto.

Álbum-Catálogo da Exposição

Já começou a ser impressa a primeira parte do *Álbum-Catálogo Oficial da Exposição Colonial*.

A colaboração oficial foi, já, toda entregue à tipografia, destacando-se os artigos da autoria dos srs. dr. Armindo Monteiro, ministro das Colónias; dr. Francisco Machado, sub-secretário de Estado das Colónias; tenente Henrique Galvão, director-técnico da Exposição; comandante Quirino da Fonseca; general João de Almeida; engenheiro Vicente Ferreira; comandante João de Azevedo Coutinho; etc., etc.

Pretendeu-se que o *Álbum-Catálogo Oficial* fôsse um livro para guardar, um livro para estudo, um livro para fixar, no espaço e no tempo toda a grandeza desta Exposição.

E assim há-de ser, mercê não só da colaboração valiosíssima já em impressão, como também das vastas monografias que serão publicadas.

Ao Pôrto, com o interesse da respectiva Câmara Municipal, dedicar-se-á uma grande parte do *Álbum-Catálogo*.

Fóssos para as feras

Começaram, já, os trabalhos do fóssos para as feras, que fica instalado, como já se disse, na antiga travessa do Palácio, que foi vedada ao público, para tal fim.

A Associação dos Comerciantes do Pôrto e a Exposição

A fim-de facilitar ao comércio, que tem relações com a Província e com o Estrangeiro, a melhor forma de se fazer uma eficaz e proveitosa propaganda da I Exposição

Colonial Portuguesa, a direcção da Associação dos Comerciantes do Pôrto resolveu ceder aos comerciantes, associados ou não associados, que, para tal fim, as requisitem na respectiva secretaria, Rua Sá da Bandeira, 363, zinco-gravuras com que poderão mandar imprimir, no verso dos sobrescritos e nos postais, dizeres apropriados de *reclame*.

Igualmente, cede ao comércio etiquetas para serem coladas em volumes, bem como cartazes para serem colocados nos vidros e nas montras dos seus estabelecimentos.

Devem os comerciantes, no seu próprio interesse, auxiliar esta propaganda, utilizando-se, assim, dos valiosos serviços que esta colectividade, gratuitamente e um louvável intuito, lhes está proporcionando.

Alojamentos durante a Exposição

O sr. ministro da Justiça, a pedido do director-técnico da Exposição, autorizou a sublocação e cedências gratuitas a inquilinos por particulares, durante o período da Exposição, e mais um mês com dispensa de consentimento dos respectivos senhorios.

Trabalhos de alunos do Instituto Superior do Comércio

Os alunos do Instituto Superior do Comércio srs. Mário Martins Lopes, Norberto Varela, António Rodrigues da Rocha, José António Ferreira, António Machado de Almeida e Renato Perdigão foram convidados a apresentar trabalhos da sua autoria.

Representação da Companhia de Moçambique

Proseguem, com actividade, os trabalhos de conclusão da representação da Companhia de Moçambique, que constituirá, sem dúvida, um dos mais atraentes *stands* da Exposição.

Devidamente isoladas por característicos muros e com uma pitoresca escadaria de acesso, as instalações da Companhia de

Moçambique são constituídas por um vasto pavilhão, assente em colunas guarnecidas de figuras genéticas.

No interior, estarão patentes os seguintes motivos de interesse e elucidação:

Três dioramas do pôrto da Beira e documentários dos respectivos portos e toda a modalidade de comunicações; uma expressiva secção histórica com uma grande carta geográfica do Território do século dos Descobrimentos e uma *maquette* da fortaleza de Sofala; demonstração da obra de colonização realizada pela Companhia de Moçambique, sob o aspecto de explorações agrícolas, estradas, escolas, hospitais e caminhos de ferro, nos últimos quarenta anos; diorama da cidade da Beira, em 1892 e na actualidade; secções de Saúde e Ensino; gráficos e fotografias das missões religiosas e hospital indígena da Beira; curiosos aspectos de urbanização e administração; toda a actividade indicada de agricultura, comércio e indústria; ponte sobre o Zambeze; diorama das fábricas de açúcar, etc.

No *stand* estará documentada toda a vida indígena. Em recinto especial, dois artefactos indígenas — um torneiro e um ourives — executarão trabalhos da sua especialidade, perante o público.

O delegado da Companhia junto da Exposição é o nosso prezado colega na imprensa sr. Herculano Nunes e o encarregado da decoração geral e autor do projecto é o artista sr. Leal da Câmara. Colaboram, ainda, na parte artística os pintores Stuart Carvalhais, Alberto Sousa, Abel Manta, Bernardo Marques e, também, Leal da Câmara.

Propaganda em Lisboa

Estando a Associação dos Comerciantes do Pôrto, como o vem demonstrando, verdadeiramente empenhada numa eficaz propaganda da Exposição, acaba de obter da Câmara Municipal de Lisboa licença gratuita para podermos ser distribuídos, na capital, pelas montras dos estabelecimentos comerciais, fábricas, eléctricos, automóveis, etc., os cartazes de *reclame* que evitamos.

Para auxiliar a distribuição dos mesmos

pelos estabelecimentos comerciais, recebeu a Associação dos Comerciantes do Pôrto a mais dedicada colaboração da Associação Comercial, Associação Comercial dos Lojistas, União dos Interesses Económicos, Associação Comercial dos Retalhistas de Viveres e Associação dos Comerciantes de Mercaderia, de Lisboa.

Igualmente, para a propaganda nas fábricas, recebeu a mais dedicada adesão da Associação Industrial Portuguesa. E para a distribuição pelos automóveis recebeu, ainda, o mais decidido apoio do Automóvel Club de Portugal.

Finalmente, para a propaganda nos eléctricos teve a Associação dos Comerciantes do Pôrto a mais deferente atenção por parte da direcção da Companhia Carris de Ferro de Lisboa, tendo, para o efeito, mandado fazer cartazes em cartão envernizado e em tamanho que, pela mesma Companhia, lhe fôra indicado, a fim-de serem afixados em todos os eléctricos.

A direcção da Associação dos Comerciantes do Pôrto está extremamente reconhecida a todas estas entidades, pela maneira cativante com tem sido apoiada nesta propaganda patriótica em prol da Exposição Colonial.

Uma representação histórica

O antigo Convento de Cristo, de Tomar, que foi sede da Ordem Militar dos Templários e é, hoje, monumento nacional, terá a sua representação no certame.

Propaganda do certame

Contribuindo para o bom êxito da Exposição a revista de sismologia e geofísica de Coimbra *A Terra* prontificou-se a inserir nos seus números anúncios de propaganda da Exposição.

Conselho Nacional de Turismo

Estiveram, nesta cidade, os srs. engenheiro Almeida de Araújo e Luís Lupi, jornalista lisboense, que trataram de assuntos que se relacionam com o pavilhão do Conselho Nacional de Turismo.

Devem visitar, brevemente, os trabalhos da Exposição os correspondentes das agências telegráficas e dos jornais estrangeiros residentes em Lisboa.

Congresso de Agricultura Colonial

A Liga Agrária do Norte deu à Sociedade de Geografia a vice-presidência de honra da grande comissão do Congresso de Agricultura Colonial, que deve efectuar-se durante a Exposição.

Propaganda na Galiza

O sr. Manuel Saragga, cônsul de Portugal na Corunha, continua a promover, nos jornais da sua área consular, intensa propaganda do certame, tendo, além desse esforço, mandado editar selos, que distribui no Norte da Espanha, de *reclame* à Exposição.

Oferta de pano para uniformes

A importante firma portuense Azevedo Soares & C.ª, por intermédio do seu sócio-gerente, nosso prezado amigo sr. Manuel Gaetano de Oliveira, oferece, gentilmente, quando da recente visita do sr. ministro das Colónias ao Pôrto, todo o *kaki*, do seu fabrico, para fardar o pessoal da Exposição e a Companhia de Landins, que figurarão no certame.

Congresso de Agricultura Colonial

Sob a presidência do sr. engenheiro agrônomo João Braga, tem reunido a Comissão Executiva do I Congresso de Agricultura Colonial, cujo programa, já conhecido, despertou natural interesse. A algumas reuniões assistiu o sr. engenheiro agrônomo conde de Bobone, representante da Associação Central da Agricultura Portuguesa junto daquela Comissão, que, propositadamente, tem vindo a esta cidade para acompanhar os trabalhos que se estão realizando.

Sendo a abertura do Congresso em 27 do próximo mês de Agosto, já se verifica a inscrição de congressistas, tendo recebido, já, também, a Comissão Organizadora comunicação de que, dentro de dias, lhe serão enviadas algumas das teses que o Congresso discutirá.

No intervalo das sessões de trabalho do segundo e terceiro dia, ou após essas, serão passadas fitas cinematográficas mostrando aspectos da lavoura nas Colónias. No dia da sessão de encerramento, 30 de Agosto, os congressistas reunir-se-ão à noite, num banquete, que lhes será oferecido pela direcção técnica da Exposição Colonial, que, juntamente com a Comissão Organizadora, procura dar o maior brilho a este I Congresso



Nas obras de montagem e conclusão da Exposição Colonial — Os srs. dr. Oliveira Salazar, Presidente do Ministério; capitão Gomes Pereira, Ministro do Interior, e tenente Henrique Galvão, Director-técnico do certame

(Cliché Saúl de Almeida)

Manuel António Lopes

PEDICURO ESPECIALIZADO

TRATAMENTO de unhas encravadas, calos ulcerados e de infecções provenientes dos calicidas, dos atritos, etc.
Gabinete provido dos aparelhos mais modernos e aperfeiçoados da especialidade.

Zulmira Gomes Teixeira

MAÇAGISTA

ROSTO A sua boa conservação por um processo bem racional. Destruição definitiva e sem cicatrizes, dos pêlos.
Trabalho inteligente e consciencioso, estudo e muita prática.

P. da Liberdade, 62-1.º ♦ PORTO ♦ Rua do Almada, 26
(Entrada pela Sucursal da Telefónica) TELEFONE 569

de Agricultura Colonial, cuja importância é desnecessário encarecer.

Numa reunião, que se efectuou com a assistência do sr. tenente Henrique Galvão, ficou resolvido que, para os alunos do Instituto Superior de Agronomia, Escola de Medicina Veterinária e Escola Superior Colonial, a inscrição para os congressistas fôsse reduzida a 10 escudos.

Representação da Sociedade de Propaganda de Portugal

A direcção da Sociedade de Propaganda de Portugal, na sua última reunião, entre outros assuntos, resolveu fazer-se representar na Exposição Colonial, de acordo com a orientação indicada pelo Conselho Nacional de Turismo e que, no pavilhão que este Conselho está construindo, na Exposição, seja montado um serviço de informações.

Banda de Música da I Companhia Indígena de Angola

A banda de música da I Companhia Indígena de Angola, que acompanhará os soldados landins à Exposição, apresentar-se-á

com 45 figuras e com vasto e moderno repertório, devendo realizar, no recinto do certame, diversos concertos.

Cabo aéreo para transporte de visitantes

O cabo aéreo, cujos trabalhos de montagem vão adiantados, transportará, em contínuo movimento, os visitantes à Exposição, em seis vagonetes, cada uma das quais terá quatro lugares, desde a Rua da Restauração até junto do restaurante do Palácio.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos: *Boletim Mensal da Ordem Terceira e Missões Franciscanas* n.º 4, relativo a Abril. Director: Rev. Aloisio Tomaz Gonçalves. Redacção: Montariol — Braga. Colaboração de propaganda das missões esclarecida com ilustrações.

A maior organização de leitaria do País



Depósito e Escritório: 47, Praça Guilherme Gomes Fernandes, 51
PORTO TELEFONE 4303 PORTUGAL

O Fibro-Cimento Nacional "LUSALITE"

é um material leve, resistente, incombustível. Preserva do calor no verão, do frio no inverno. Resiste à humidade e aos insectos. A sua duração é ilimitada.

Para o continente e para as colónias deve ser preferido em todas as construções, quer para telhados, quer para tetos e revestimentos interiores.

Fornece-se em chapas lisas e onduladas desde Esc. 8\$00 o metro quadrado.

DEPOSITÁRIOS GERAIS: **Corporação Mercantil Portuguesa, L.ª**
Rua do Alecrim, 10 LISBOA
Telef.: 23948 28941
End. tel.: FIBROCIMENTO

UMA OFERTA GENTIL INDIGENAS TIMORENSES

Tendo a Direcção da Exposição pedido a várias casas de mobiliários do Pôrto para gratuitamente guardarem e decorar o seu gabinete, não obteve o referido pedido a satisfação desejada.

Uma casa, porém, se prontificou gentilmente a mobilar e decorar, com todo o carácter colonial, não só o gabinete da Direcção como ainda a casa da Circunscrição Civil. Foi o importante estabelecimento de móveis, a casa Olaio, de Lisboa, considerada em todo o País e nas Colónias pelas suas suntuosas e artísticas realizações no género.

A Direcção da Exposição regista penhorada tam cativante oferecimento.

Chegaram, em 12 do corrente, ao recinto da Exposição Colonial, os indígenas de Timor, cinco homens e quatro mulheres, que representam, no certame, a mais longínqua colónia de Portugal.

No próximo número do ULTRAMAR nos referiremos ao evento pela impossibilidade de o fazermos neste.

Emissão de estampilhas da Exposição

A pedido da Direcção-técnica da Exposição vai a Administração Geral dos Correios e Telegrafos emitir estampilhas de 25, 40, 80 e 160 centavos, comemorativas da I Exposição Colonial Portuguesa.

Escola Académica do Pôrto

QUINTA DO PINHEIRO

PORTO TELEFONE 4606 PORTUGAL

Colégio para alunos internos, semi-internos e externos
CURSOS--PRIMARIO, LICEAL E COMERCIAL



A Imprensa espanhola

Vem destacando a I Exposição Colonial Portuguesa e a importância moral e material do grande certame

A realização da Exposição Colonial Portuguesa está, como ULTRAMAR tem acentuado, número a número, despertando grande entusiasmo e viva curiosidade.

A imprensa do país vizinho está ocupando das várias colectividades que organizam excursões a esta cidade por ocasião da I Exposição Colonial Portuguesa.

É motivo de júbilo, verificar o grande carinho com que *La Voz de Galicia*, da Corunha, se refere à Exposição, lembrando à Municipalidade da capital da Galiza o ensejo que se lhe oferece para o intercâmbio das relações luso-galaicas, patrocinando uma embaixada ao Porto.

Alvitra que uma tal excursão não deve faltar a notável Sociedade artística polifónica *El Eco*. Tal entusiasmo tem sido acompanhado pelo sr. Manuel Saragga Leal, nosso cônsul na capital da Galiza, a cuja iniciativa se deve a excursão que, pelas festas ao S. João, visitou esta cidade e a de Braga, acompanhado alguns cônsules de outros países e de alguns jornalistas espanhóis.

Termina a local sugerindo que tal oportunidade seja aproveitada, pela *Alcaldía*, lembrando a D. Suarez Ferrin que uma embaixada do *Ayuntamiento* seja portadora da Medalha de Ouro da Cidade da Corunha, para condecorar o estandarte do Orfeão do Porto, homenagem com que fôra distinguida aquela colectividade quando da sua última visita à Corunha.

Estas iniciativas demonstram-nos, claramente, o interesse extraordinário que está despertando a Exposição Colonial Portuguesa no país vizinho, enaltecendo as funções do nosso representante consular e do director da Exposição, pela intensa propaganda que vem sendo orientada além-fronteiras e que são de molde a prever uma larga de concorrência de estrangeiros.

A UM MÊS DA ABERTURA

A representação da Guiné já anima o recinto da Exposição

Chegaram, já, os indígenas da Guiné, O Porto, que val sentimento, progressivamente, a ansia da Exposição, viu-os passar, manhã cedo, caminho do Palácio. Alvorçou-se, como se alvoroçara Lisboa, ao vê-os desembarcar. E ficou suspenso, abalado, impressionado, compreendendo que a vida das Colónias palpitava, já, no recinto que o Porto escolhera para apresentar aos portugueses a síntese viva do seu grande império.

A curiosidade do povo e uma espécie de termómetro aplicado à vida nacional. Quando a temperatura é alta é porque o evento é de monta.

Raro o povo se engana. A's vezes parece alheado, indiferente, ignorante, pelo menos.

Chega o momento, porém, em que o alheamento, a indiferença, a ignorância cedem ante o fluxo do entusiasmo. E, então, o povo, tocado na alma, parece despertar. O que, até então, parecia não o comover, logra um domínio forte, nitido, absoluto. Não há mais alheamento, indiferença, ignorância. Empolgante e comunicativo, o entusiasmo do povo opera milagres.

E, quando o povo se mostra, verdadeiramente, interessado, é certo o êxito daquilo que lhe concitou o interesse.

Imprensa lá incentivando a prepaganda do grande certame.

Por toda a parte se ouvia, já, falar, abertamente, da Exposição. O seu aspecto exotérico, o mais assimilável, naturalmente, para a grande massa das populações, intrigava, de dia para dia, os portugueses.

«Como será? Até que ponto irá a sua importância? Diz-se isto... Diz-se aquilo... E estas interrogações e reticências andavam, já, na bôca de toda a gente, porque toda a gente sentia que a Exposição, que tanto eco encontrava nos jornais, ia ser alguma coisa de grande, de muito grande, até.

A chegada dos pretos da Guiné completou a obra lenta e paciente de despertar o interesse público.

Quando o combóio deixou, na estação de Campanhã, os sessenta e três pretos da Guiné que haviam chegado, na véspera, à capital, o público alvoroçou-se, fortemente.

Era a África que chegava, enfim... E todo o dia, e todos os dias que se seguiram ao da



País de Cristal. E contenta-se. E murmurava-se o interesse que a todos subjugava.

Os pretos, lá dentro, são o chamariz irresistível. A esperança de que um, ao menos, apareça às grades, mantém no público a alta temperatura da curiosidade. Em outros sectores da vida cidadã, esta curiosidade semelha uma febre, uma febre de exotismo que nada tem de prejudicial.

E isto não se dá, tão somente, na capital do Norte, Lisboa, que, tantas vezes, parece descehdosa, mostra a lâmina do seu interesse igualmente aguçada. E Coimbra. E Braga. E todo o Sul. E todo o Centro. E todo o Norte.

Agora, com a embaixada indígena que a primeira Colónia de Portugal no continente africano, guarda-avancada, por assim dizer, do Império Colonial Português, enviou à Metrópole, os portugueses sentem que a Exposição começa a viver e a vibrar. Por isso, vibram, também.

Mamadú-Sissé, o régulo, sua mulher, seus filhos Abdullah e Malik-Sissé, autênticos príncipes negros, e dois criados, são as personagens que brilham à frente dos dezasseis homens *bjagós*, catorze mulheres evinte homens *balantas*, *mandingas* e *fulas* e cinco artifices.

Aquela pequena corte e este grande séquito, localizados, já, na aldeia lacustre da Guiné e noutras *zanzalas*, em pleno bosque, dão cor e carácter ao recinto da Exposição.

Mamadú, velho herói negro que o Governo da República elevou à categoria oficial de tenente de segunda linha do Exército português, impera, ali, com o forte prestígio do seu exotismo.

Dia e noite, nos intervalos do trabalho — porque os homens trabalham, entretanto, nas obras do certame — o *batuque* dá acorento enorme a marca típica de terra africanas.

Há dias, em *O Comércio do Porto*, deixei vinculada, com largueza, a impressão que esta primeira embaixada colonial me causou no dia seguinte ao da chegada. Não quero, não devo, portanto, insistir...

Entretanto, porque negros e negras me avivaram a alma recordações que, para sempre, ficaram a vibrar, acho que não fica mal, aqui, neste canto de ULTRAMAR, uma confissão sincera.

Ouvindo o *tam-tam* dos negros, as gargalhadas que só as negras sabem dar, vendo-os e vendo-as, carnações esplêndidas e fortes indumentárias típicas, usos esquisitos, integro-me, também, no público que espera, que acerta a sua curiosidade pelo ritmo acelerado das obras, e sinto a verdade, a grandeza, a justiça desse interesse. E compreendo que todos os portugueses, mesmo os que pisaram, como eu, o solo ardente das Colónias, tenham os olhos e a alma postos no que se prepara, no que vai ser, pode dizer-se, já, a um mês, apenas, da abertura, um grande, um admirável triunfo!

HUGO ROCHA.



Alguns aspectos, da representação indígena da Guiné na Exposição Colonial, vendo-se, em cima, à esquerda, o régulo Mamadú-Sissé, e, também, tenente da segunda linha

(Cliché Jaime Ferreira, cedido por "O Comércio do Porto")

Com a I Exposição Colonial Portuguesa, de sentido, a princípio, um pouco vago, talvez, para o povo, aconteceu assim.

O povo foi-se habituando à grandeza da iniciativa, foi tomando contacto com a realidade do que ia fazer-se, à medida que a

chegada, o público tem devorado os jornais, ansioso de pormenores, guloso de exotismo.

Quando vou às obras da Exposição, lá, sempre, povo, aos magotes, comprimido em frente das grades, dos portões do velho